



ARQUIVO A TARDE



MARGARIDA NEIDE / AG. A TARDE

ne. Os livros foram recuperados pela Polícia Federal no Rio de Janeiro, resgatados em mãos pela presidente do instituto na época, Consuelo Pondé.

Há obras raras espalhadas por diversas bibliotecas no país, mas o maior acervo está na Biblioteca Nacional, com 63 mil livros. “Para pensar num livro raro, existem três conceitos essenciais, o de raro, único e precioso. O raro é aquilo que ninguém questiona, como a primeira edição de *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões. É raro pela importância, pelo tempo decorrido desde que foi editado. Única é aquela obra que não tem muitos exemplares conhecidos. Não significa que só existe um, mas só há um único conhecido. E precioso aquilo que tem um valor pessoal. Todo o acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia é precioso para a instituição”, explica Ana Virgínia.

Para os bibliotecários, mexer em obras raras é como fazer uma cirurgia delicada. Para pegar o livro, é necessário usar equipamentos especiais, como luvas e máscara. “Muitas páginas estão desgastadas, então é preciso cuidado”, diz Simone. Depois de manusear as três edições de Barleus sobre o Brasil, ela mostra como ficaram as suas luvas: completamente amarelas. “São fungos. A proteção não é só para o livro, é para a gente também. Muitos profissionais ficam doentes por manusear livros sem proteção”, conta.

Em 1988, o A TARDE avaliou estrutura interna do IGHB: “Muito avariada”; à direita, a entrada atual na Avenida Joana Angélica

UM PASSEIO NOS ANDARES SUPERIORES

Além de um auditório com 180 lugares, o IGHB tem uma sala expositiva no primeiro andar. “É uma ala aberta, sem redomas, com entrada gratuita. As pessoas podem se aproximar, sentar – cuidadosamente! – em móveis de época. A ideia é incentivar e promover a interação, atrair o interesse de públicos mais jovens”, diz Jaime Nascimento, coordenador de cultura.

Entre quadros pintados por artistas como Presciliano Silva, Vieira e Campos e Vienot e Morisset, espalhados por todo o instituto, a Sala Expositiva Dom Pedro II expõe relíquias como armas, lanças indígenas, bonecas africanas, bandeiras e mobílias – muitas ainda sem identificação de quem fez, quando fez e por que fez.

Além das atividades do museu e da biblioteca, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia promove, regularmente, cursos de curta duração, palestras, seminários e eventos, como lançamentos de livros. “A maioria dos cursos são gratuitos, a nossa ideia é nunca cobrar. Quando trazemos um palestrante de fora, cobramos uma taxa simbólica, só para ajudar a pagar o professor”, afirma Jaime Nascimento.

Antes de partirmos, Eduardo nos leva ao terraço, no telhado do prédio. Quando ainda não existiam os arranha-céus, o mirante tinha uma das vistas mais altas da cidade, com visibilidade para o mar em todos os ângulos. Lá em cima, o diretor do instituto conta como nasceu um dos seus sonhos. “Uma vez, um turista que veio aqui disse que nessa região deveria ser criado um circuito cultural a pé. Eu concordo com ele. Sairia do Mosteiro de São Bento, passando pelo IGHB, pela Praça da Piedade, Igreja de São Pedro, Igreja de São Raimundo, Palácio da Aclamação, Teatro Castro Alves e, voltando, iria pelo Instituto Feminino da Bahia, Convento de São Raimundo, Biblioteca Pública do Estado, Gabinete Português e, para terminar, o Convento da Piedade”, enumera. No fim, suspira: “Não sei se não fazem por questões de segurança. Mas vamos trabalhar para isso, vamos sonhar”. «